



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

COMO UM ESPAÇO DOMÉSTICO SE CONFIGURA EM UMA REDE SOCIÓ-RELIGIOSA?

Elisia Santos.

Mestranda do programa de pós-graduação de Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia UFBA.

Email. liriolys@hotmail.com.

O contexto da pesquisa.

"No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por meio dele" (BÍBLIA SAGRADA, João 1:1-3).

Começo este artigo com o versículo de João para que possamos adentrar no contexto religioso de forma mais aconchegante. No princípio tudo era verbo e nada como concretizar estes verbos na forma de artigo acadêmico, assim cristaliza a palavra e perpetua nas próximas monografias e dissertações futuras.

Este artigo é fruto de um trabalho etnográfico desenvolvido em uma comunidade periférica de Salvador- BA, Baixada do Caetano, numa casa de candomblé. O termo utilizado neste trabalho será casa e não terreiro, pois se trata de uma residência de dia e uma casa de orixá à noite.

Este trabalho deverá contribuir para o entendimento dos modos pelos quais os indivíduos se inserem e circulam no espaço¹ religioso brasileiro, a partir da mediação das agentes sagradas, bem como para avançar na compreensão dos papéis destas mediadoras nas dinâmicas cotidianas.

O problema

¹ Compreendemos espaço como um lugar carregado de sentido e experiências.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

A religião é situada por alguns pesquisadores, como zona de espaço transcendental, muitas vezes não reconhecemos na religião o seu papel de estruturador social, ao mesmo tempo em que é estruturada a sociedade. Religião é um objeto de polêmicas e controvérsias, trazer a baila religiões de matriz africana, torna-se um assunto mais delicado. A literatura sobre tais religiões é vasta e por deveras repetitiva. A discussão sobre orixás, gênero e os rituais, foram os assuntos mais abordados nestas discussões bibliográficas. Entretanto, teremos a primeira pergunta: e os sujeitos religiosos? O que fazem neste contexto? São religiosos, porque participam dos ritos e assimilam identidades religiosas? Essas identidades religiosas são socializadas dentro de um espaço religioso, especificamente os terreiros de candomblé. Contudo só se tem axé em terreiros de candomblé? Em espaços montados exclusivamente para serem sagrados? A casa de Cris é um misto de espaço religioso com espaço domiciliar. Há uma divisão entre o assistir a novela e jogar os búzios. Nesta casa é observaremos uma maior flexibilidade dos ritos religiosos, a tradição tão esperada por alguns pesquisadores, não é encontrado tão diretamente neste espaço, entretanto deixa de ser sagrado, porque não é a tradição religiosa que ordena os ritos, mas a organização doméstica? A relevância desta pesquisa esta dividida em dois suportes principais: o primeiro é a relevância teórica, nesta pesquisa apresentaremos os espaços religiosos adaptados, e de que forma se organizam e como as pessoas juntamente com as entidades convivem neste espaço. Apresentarmos um novo paradigma do espaço religioso, com uma discussão sobre as redes nas casas/espços religiosos.

O contexto religioso.

O Brasil oferece um panorama extremamente vasto das transformações da esfera religiosa, mas ainda possui uma tradição católica, mas não um catolicismo tradicional. Somos herdeiras de varias imposições européias e uma delas é a religião, por conta



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

disso, as “minorias”, especificamente a negra, sempre buscaram saídas para escapar das ordens coloniais e uma delas é o catolicismo “meia boca”, ou como utilizamos no senso comum um catolicismo não praticante.

HERVIEU-LÉGER (1999, 28) utiliza duas categorias que seriam interessantes para este comportamento brasileiro. A autora propõe duas novas representações para a identificação deste “novo” religioso em movimento: **o peregrino e o convertido**.

Esta diferença marca, também, “dois registros nitidamente distintos do tempo e do espaço religioso”: a primeira (**convertido**) reporta à estabilidade territorial da comunidade, enquanto a segunda (**peregrino**) “remete a outra forma de espacialização do religioso, que é a do percurso que ela traça, dos itinerários que ela baliza e sobre os quais os indivíduos se movimentam”

Se o **peregrino** é uma ótima representação da mobilidade, o católico que não falta missas dominicais, catequeses e rezas. Enquanto que o convertido exprime de melhor maneira o processo de formação da identidade religiosa neste contexto de mobilidade. É o católico “meia boca”, que vai a missas em aniversários ou datas comemorativas.

Outra saída encontrada foi a utilização dos orixás católicos para representar Orixás, como era proibido o culto a entidades, que não católicas, havia uma adaptação destes, seria um culto velado.

É importante frisar, que apesar da militância do movimento negro e de outras organizações para que não aja hoje em dia esta adaptação, se encontram em muitas casas/terreiros de candomblé os santos católicos nos cantos, ao lado de velas e terços.

O clássico do candomblé.

Estes santos católicos são encontrados em meu campo, mas o que salta os olhos não é o São Jorge na parede e a estátua de Santa Bárbara na estante, mas o fato de que ao lado do sofá remendado com esparadrapos e da estante cheia de cupins sustentando uma televisão 29”, há um assentamento de Caboclo todo ornamentado. Esta é uma das formas que o espaço urbano se adapta a um espaço religioso ou seria o contrário?

Na literatura sobre religiões afro-brasileiras nos deparamos com terreiros de candomblé, com estruturas construídas para ser um espaço religioso (Ver LANDES, BASTIDE,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

RAMOS); com casas para cada orixá, com um espaço com plantações e árvores, com assentamentos para exú, com canil, lugar para animais e principalmente um roncó e um barracão. Busca-se uma pureza no candomblé, um modelo do que seria candomblé e todo que escapa não seria legítimo.

[Bastide] acabou impondo um modelo de Candomblé, que é essencialmente o que se depreende de **O Candomblé da Bahia (rito nagô)**, recentemente reeditado em francês e em português (BASTIDE, 2000; BASTIDE, 2001).

Este modelo, no qual bem poderíamos descobrir alguma influência – com atenuação ou mascaramento do jungianismo, daquelas ideias de inconsciente racial, que depois da Segunda Guerra já não estavam tão em moda quanto antes – das teorias de Arthur Ramos sobre memória, sepultamentos e ressurreições, é a do Candomblé como **memória**, correspondendo, no Brasil, à sociedade e à civilização africana, nada mais representando que o que foi trazido da África e que, quando se mistura com elementos brasileiros, como Bastide, por influência de Carneiro, acredita que ocorre nos “candomblés bantus”, é só para degenerar (MOTTA, 2002, p.109-110).

E quando não se possui esta estrutura? Quando o máximo que se possui é uma sala cozinha, dois quartos, um banheiro e uma dispensa, a relação entre religião e espaço familiar torna-se entrecruzado, se faz necessário compreender as articulações nos espaços religiosos e as manobras que muitos adeptos realizam, por isso para uma melhor compreensão, iremos apresentar o espaço estudado.

O campo religioso.

Desenvolvo uma pesquisa na casa da mãe de orixá² Cris, ou como prefere D’Mãe, ela é pessoa aberta para novas amizades. Uma mulher branca com dois filhos adultos; uma na Itália, onde é casada com um estrangeiro e o outro que mora em sua casa e possui um sofrimento psíquico, entretanto D’Mãe, possui outros vários filhos de criação e os outros vários filhos e filhas de santo que possui, em sua casa sempre tem duas ou três

² Uso o termo mãe de Orixá e não mãe de santo, porque em uma das entrevistas Cris, diz que se ela é de candomblé, ela não é mãe de santo, apesar de compreender a discussão sobre sincretismo, consideramos pertinente o uso da categoria apresentado pela informante.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

crianças ou adolescente que ela esta criando é comum no momento das refeições sua casa ficar cheia de vizinhos e agregados.

D'Mãe é uma mulher de 47 anos, uma mulher de muitos dons, sempre simpáticas com os clientes e amorosa com seus filhos. No começo é difícil distinguir quem é filho de cliente, pela forma que ela trata e exige também que seja tratada.

Metodologicamente divido meu trabalho em três partes: primeiramente uma observação participante, onde não levo gravador, câmera fotográfica e nem blocos de papel. Apenas observo e contribuo nos serviços domésticos e/ou religioso, posteriormente aplico uma linha vida, onde pergunto sobre vários momentos da vida, mas sem focalizar religião e por fim já com gravador e máquina fotográfica utilizo um questionário semiestruturado onde pergunto sobre a relação do sujeito com aquele espaço religioso, sua relação com as entidades e com os outros sujeitos que circulam a casa.

Meu trabalho de campo nesta casa é desde 2007, mas logicamente que ele não está esgotado. O campo demanda mais questionamentos e não respostas prontas. O campo é um espaço de angustia, onde reconhecemos a necessidade e mais profundidade teórica.

Retornando ao campo, D'Mãe quando tinha 15 anos foi internada em uma clínica psiquiátrica, na cidade Feira de Santana, interior da Bahia. A justificativa é que os parentes acreditavam que ela possui esquizofrenia e que a mesma por ter ataques de epilepsia, afirmavam que ela tinha contato com o demônio. Segundo D'Mãe, foi muito difícil o internamento, porque ela continuava vendo e conversando com as entidades mesmo com as dosagens altas de remédios.

Foi então que uma enfermeira que era de candomblé percebeu que ela não era “louca”, mas sim médium. Segundo D'Mãe, a mulher teve certeza, quando a entidade foi ao sonho dela e disse:

“Meu cavalo é pra ser mãe de santo, é para cuidar de Orixá e não ficar neste lugar, eu quero que na próxima lua, ela já esteja no quarto escuro. Se você fizer isso terá muita coisa que eu vou lhe dá. Ajude minha filha, que eu ajudo você.”(Boiadeiro Relatório de campo, 2009)

D'Mãe sai do manicômio no mesmo mês e volta para sua casa na Baixada do São Caetano, segundo ela não demora nem uma semana e vai ser iniciada no candomblé na



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

casa de Pai Nino em Simões Filho, região metropolitana de Salvador, Bahia. A sua entrada no candomblé foi emergencial, não conhecia nada de candomblé quando entrou no ronco. Aprendeu tudo lá dentro, e foi uma experiência muito assustadora para ela, pois foi levada por uma vizinha para esta casa, e lá não conhecia ninguém, não tinha muito dinheiro e mesmo assim foi iniciada para Orixá Iansã.

Percebem-se quando D’Mãe conta esta história uma mistura de medo e alegria. Medo porque sua entrada no candomblé não foi planejado e alegre porque ela foi acolhida, ela teve quem a ajudasse quando saiu do manicômio e teve um terreiro que a recebesse.

Hoje ela tem 21 anos de feita, faz a festa anual para Iansã na casa do seu pai de santo, mas todas as outras obrigações, festa do erê, do Caboclo Boiadeiro, feitura de filho de santo, comida para Exú, trabalhos para os clientes, são realizados em sua residência.

Os dias mais importantes na casa de D’Mãe é segunda e sábado. Nas segundas tem sessão do Caboclo Boiadeiro e aos sábado quinzenais e às vezes por questões financeiras bimestrais a festa para o Erê Azulão.

Compreendemos Caboclo, como entidades nativas, são considerados como índios ou descendentes de índios. (RABELO, 2009, P.29). É considerada uma entidade exclusivamente brasileira, com historia de andanças no recôncavo baiano. Na casa de D’Mãe é o mais esperado pelas mulheres pelos seus conselhos extensos e pelo êxito de vários banhos e ébos, comidas oferecida a entidades, que ele passa.

“Ele é querido porque resolve os *póbremas* da gente, ele nunca me deixou sair daqui sem resolver um *póbrema*, agora tem mulher que vem aqui, com problema grande e quer que resolva logo, não é assim, tem que esperar também, ele é Boiadeiro, mas não é Deus, primeiro Deus, depois ele”
(Depoimento de Rita, amiga a treze anos. Relatório de Campo, 2009)

À noite quando acontecem às sessões os sofás são arrastados para as paredes a estante é encostada na janela, pega todos os bancos da cozinha e cadeiras e coloca na sala, a televisão é desligada, ascende uma vela no assentamento de Ogum que está do lado direito da porta e arruma o quarto de D’Mãe, forrando a cama com um lençol, porque a consulta será dentro do quarto em cima da cama.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Todo este processo de arrumação da casa começa por volta das 18h00min horas, quando se começa a fazer uma jarra enorme de café e se compra um saco com vários pães, entretanto a sessão só começa depois que termina a novela das 21h00min horas da Rede Globo de televisão, a espera pelas sessões é regada de muita conversa, sobre o que fazer com os vilões e como ajudar o protagonista e sobre os acontecimentos pessoais.

Normalmente nas sessões se deveria cobrar um valor para as consultas, mas como o número de inadimplentes é de quase 100%, uma das clientes resolveu colocar nas paredes cartazes dizendo que não poderia se consultar quem não pagasse, sendo que a mesma nunca pagou. As coisas não mudaram muito, mas algumas pessoas começaram a trazer açúcar, pão, manteiga. Materiais para o café que quase todo mundo tomava.

Em uma das sessões fui convidada a escrever os ebós que Boiadeiro mandava as clientes fazer, no mesmo caderno de lista de compras, anotava os ebós, as folhas, e os produtos para os banhos que os clientes teriam que fazer.

“(...) chama a menina dos estudos aí, diz a ela que agora ela vai tomar as anotações, ela já sabe os nomes das coisas e faz tudo rápido. (...) Eu quero que você anote tudo e depois entregue a moça aqui, se tiver dúvida pergunte a mim, ou as Ekedes³ lá fora” (Boiadeiro Relatório de campo, 2010).

Enquanto muitos clientes esperavam na sala falando sobre sua vida pessoal e os seus problemas, transformando aquele espaço em uma espécie de terapia de grupo, algumas filhas adotivas e filhas de santo, ficavam na cozinha preparando cachorro quente para vender aos clientes, tomando o café com pão e manteiga e discutindo quem trouxe dinheiro, comida ou nada, enquanto no quarto o Caboclo Boiadeiro dava seus conselhos, passava trabalhos, fumava charuto e bebia cerveja ao mesmo tempo que pedia silêncio às mulheres na sala.

Quando terminava a sessão, era quase uma hora da manhã, a maioria dos clientes já tinham ido embora, D’Mãe ligava logo a televisão, arrastava o sofá para o meio da sala, deitava e perguntava quem não tomou café, quantos cachorros quentes vendeu, quem teve na casa, o que Boiadeiro falou. Em quase todas as sessões havia um problema, seja

³ As Ekedes são o braço direito da mãe de orixá, elas possuem várias responsabilidades, mas a principal é cuidar dos orixás e vesti-los, pois estas não incorporam.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

um cliente nervoso, seja brigas entre clientes, uma cliente que chegava chorando, as filhas na cozinha que desentendia, Boiadeiro que mandava recados desaforados para D'Mãe, não havia uma sessão que não tivesse conversa, e isso fazia com que aquelas mulheres varasse a noite conversando sobre os ocorridos.

As sessões de sábado, quando acontece, mobiliza muito mais pessoas, normalmente as pessoas que freqüentam as segundas comparecem aos sábados. A casa é toda estruturada para festa do erê. Os sofás são colocados no segundo quarto, o quarto de D'Mãe onde acontece as sessões é fechado, os ogãs trazem os atabaques e se vestem a rigor. Enche a casa de bola, brinquedos e se coloca o bolo na sala, na mesa que era da cozinha. Neste dia a cozinha é invadida pelos clientes, amigos, vizinhos e filhas e filhos de Orixá. Quando os erês é uma alegria na casa, há uma divisão dos bolos, dos doces e todos na casa comem e bebem bem. Os erês sentam no chão e as outras pessoas ficam em pé, conversando uns com os outros, pedindo conselhos aos erês e degustando todas as delícias infantis.

Considerações finais.

Há uma literatura vasta sobre religiões afro-brasileiras, contudo os problemas e as interpretações variam pouco apesar da imensa bibliografia existente. Estes estudos prendem-se, na maioria das vezes, a uma tentativa de explicação muito ampla do fenômeno, freqüentemente tomando o candomblé como uma unidade não diferenciada e ignorando as inúmeras especificidades presentes em cada contexto. (MAGGIE, 1991, p.46).

Compreendemos a necessidade da associação do candomblé com espaços com vasta vegetação e com grandes extensões territoriais, mas o território identitário religioso não é apenas ritual e simbólico: ele é também o local de práticas ativas e atuais, por intermédio das quais se afirmam e vivem as identidades (Le Bossé, 2004, p105).

O que está em voga neste estudo não é a festa de Orixá, cura de doenças, solidariedade fraternal, sincretismo com traços católico, africanos ou os traços espíritas e se o candomblé tem em sua maioria mulher por isso é uma religião feminina. (MAGGIE, 1991, p.49). O que pretendemos analisar **são as** experiências das mulheres no interior de



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

um espaço sagrado reconfigurado e as relações entre estes espaços e outras esferas de prática. A justaposição deste espaço, as adaptações que os indivíduos fazem neste contexto religioso que não é algo inédito no Brasil, mas ainda é uma estrutura pouco estudada no meio acadêmico.

As mulheres alocam o máximo possível às referências do sagrado ao redor da casa, afinal “(...) o sistema religioso é formado por um conjunto de símbolos sagrados ordenados entre si, numa ordem conhecida pelos seus adeptos”, aponta Geertz (1989 p143), por isso apesar de ser uma residência; nos momentos de sessões e festas a casa é transformada, quase que exclusivamente em um território sagrado.

As casas de orixá, como foram colocadas no início deste artigo, foram às formas que os candomblecistas encontraram para continuar o candomblé no espaço urbano (PRANDI, 2001, p21). Com pouco dinheiro, em casas pequenas, quase sem assentamentos, com poucas roupas de santo, com clientes famintos por soluções dos inúmeros problemas, as casas de orixá prosseguem, parafraseando Prandi, inventando o candomblé.

Referências bibliográficas.

1. BASTIDE, Roger. **O candomblé da Bahia: rito nagô.** 2. ed. São Paulo: Nacional, Brasília (DF): INL, 1978. 298 p. (Brasiliiana. 313)
2. GEERTZ, Cliford. **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: LTC-Livros Técnicos e Científicos, 1989.
3. HERVIEU-LÉGER, Daniele. **Le pèlerin et le converti.** La religion en ouvement. Paris: Flammarion, 1999, p. 25 (seguimos aqui, e nas demais citações, a tradução de João Batista Kreuch, para a edição brasileira da obra, publicada pela Vozes).
4. LANDES, Ruth. **A cidade das mulheres.** 2. Ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2002. [7]p. de estampas ISBN 8571082448 (broch.)
5. LE BOSSÉ, M “**As questões de Identidade em Geografia Cultural- algumas concepções contemporâneas**”. In: Corrêa, R.L. e Rosendahl, Z (orgs). Paisagem, textos e Identidade. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004, pp.157-180.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

6. MOTTA, Roberto. **Antropologia, pensamento, dominação e sincretismo**. In Política & Trabalho. Ano 18, n.18, João Pessoa, 2002. p. 105-124.
7. PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. 591 p. ISBN 8535900640 (broch.)
8. RABELO, M.C. **Jarê Cult Centres and Ecclesiastical Base Communities: the creation of identity among peasants in Nova Redenção**, Northeast Brazil. In ROSTAS, S. & DROOGERS, A. (eds), The popular use of popular religion in Latin America. Amsterdam: Cedla Publication, 1993, pp. 29-51.
9. RABELO, M. C. **A possessão como prática: esboço de uma reflexão fenomenológica** Mana; 14(1): 87-117, ND.
10. RABELO, M. C. M. **Rodando com o santo e queimando com o espírito: possessão e a dinâmica de lugar no Candomblé e Pentecostalismo**. . Ciências Sociais e Religião, Porto Alegre, v. 7, n. 7, p. 11-37, 2005.
11. RABELO, M. C. M.. **Religião e Cura: algumas reflexões sobre a experiência religiosa das classes trabalhadoras urbanas**. Cadernos de Saúde Pública (FIOCRUZ), Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 316-325, 1993.
12. RAMOS, Arthur. **O folclore negro do Brasil**. Rio de Janeiro, Casa do Estudante do Brasil, 1935.